



GRANDES CASAS DE PEDRA¹: ESTUDOS SOBRE O CORPO EM BONES, DE CHENJERAI HOVE

Gustavo Santana Miranda Brito²

Resumo: O presente artigo analisa as relações estabelecidas entre o Corpo, a Terra e a Memória no romance *Bones* (1988), do poeta e romancista Zimbabuense, Chenjerai Hove. O estudo dos romances revelou a profunda relação que os habitantes da antiga Rodésia, hoje Zimbábue, tinham com suas terras e com seus ancestrais. O objetivo deste trabalho é apresentar as mudanças que ocorreram na cultura da etnia Shona, depois da chegada dos colonizadores e missionários, no final do século XIX. A perspectiva adotada por esta crítica observa em cada um dos corpos dos personagens nativos uma intensa luta entre duas forças desequilibradas, que costumavam ser o fundamento da realidade ancestral do Zimbábue.

Palavras-chave: Zimbábue; literatura africana; corpo; estudos pós-coloniais.

GREAT HOUSES OF STONE: STUDIES ABOUT THE BODY IN BONES

Abstract: The present article analyzes the relations established between the Body, the Land and the Memory in the novel *Bones* (1988), of the Zimbabwean poet and novelist Chenjerai Hove. The study of the novel revealed the deep relationship that the natives of Rhodesia, nowadays called Zimbabwe, had with their lands and their ancestors. The objective of this paper is to present the profound changes that happened in the culture of the Shona ethnicity after the arrival of the colonizers and the missionaries in the end of the XIX Century. The perspective adopted to this critique observes the characters' native bodies in a intense struggle between two misbalanced forces that used to be the fundamentals of the ancient Zimbabwean reality.

Key-words: Zimbabwe; african literature; body; post-colonial studies.

GRANDES MAISONS EN PIERRE: DES ÉTUDES SUR LE CORPS EN BONES

Résumé: Le présent article analyse les relations établies entre le Corps, la Terre et la Mémoire dans le roman *Bones* (1988) du poète et romancier zimbabwéen Chenjerai Hove. L'étude des romans a révélé la profonde relation que les habitants de l'ancienne Rhodésie, aujourd'hui Zimbabwe, entretenaient avec leurs terres et leurs ancêtres. L'objectif de ce travail est de présenter les changements qui ont eu lieu dans la culture du groupe ethnique Shona, après l'arrivée des colonisateurs et des missionnaires, à la fin du XIXe siècle. La perspective adoptée par cette critique observe dans chacun des corps des personnages natives une lutte intense entre deux forces déséquilibrées, qui étaient auparavant le fondement de la réalité ancestrale du Zimbabwe.

Mots-clé: Zimbabwe; littérature africaine; corps; études postcoloniales.

¹ O nome Zimbábue (*Zimbabwe*) é derivado de 'dzimba dzemabwe', uma expressão *Shona* que significa 'casas de pedra' (*houses of stone*).

² Formou-se em Letras pela UFG no ano de 2008 e, em 2013, obteve o título de Mestre em Estudos Literários pela mesma instituição.



GRANDES CASAS DE PIEDRA: ESTUDIOS SOBRE EL CUERPO EM BONES

Resumen: El presente artículo propone analizar las relaciones establecidas entre el Cuerpo, la Tierra y la Memoria en el romance *Bones* (1988), el poeta y romancista Zimbabuense, Chenjerai Hove. El estudio de los romances reveló la profunda relación que los habitantes de la antigua Rodésia, hoy Zimbabue, tenían con sus tierras e con sus ancestrales. El objetivo de este trabajo es presentar los cambios que hubo en la cultura de la etnia Shona, después de la llegada de los colonizadores y misionarios, en finales del siglo XIX. La perspectiva adoptada por esta crítica observa en cada uno de los cuerpos de los personajes nativos una intensa lucha entre dos fuerzas desequilibradas, que tenía la costumbre en ser el fundamento de la realidad ancestral de Zimbabue.

Palabras-clave: Zimbábue; literatura africana; cuerpo; estudios pos-coloniales.

INTRODUÇÃO

A obra de Chenjerai Hove (9 de fevereiro de 1956 – 12 de julho de 2015) que compõe o corpus deste estudo é sua prosa de ficção composta de três romances escritos em inglês: *Bones* (Ossos), de 1988, *Shadows* (Sombras), de 1991, e *Ancestors* (Ancestrais), de 1996, portanto, todos escritos no período pós-independência. Seu primeiro romance, entretanto, escrito na língua *shona*, foi *Masimba Avanhú?* (em inglês, *Is This the People's Power?*, em português, *É este o poder do povo?*), de 1986. Neste trabalho o romance analisado foi *Bones*.

O enfoque desenvolvido neste artigo é uma reflexão sobre o corpo dos personagens envolvidos na narrativa de *Bones*. O corpo observado como veículo de continuidade das tradições culturais do povo *Shona* e de disputa pelos colonizadores. O corpo visto em um delicado equilíbrio entre a terra e a memória, a terra como símbolo de continuidade e a memória como a herança dos ancestrais. As relações violentas apresentadas no romance acontecem no corpo, e é nele, no que ele tem de material e imaterial onde se darão as várias formas de colonização.

A metodologia empregada para a constituição do texto foi a pesquisa bibliográfica, com foco na historiografia e na história da literatura como instrumentos para mediar a relação entre lugares tão distantes, Brasil e Zimbábue. A leitura de outros autores da literatura Zimbabuense, assim como a crítica especializada foram as formas encontradas para dar a justificativa necessária e o tratamento correto às informações para a elaboração deste texto.

Distinguindo-se de seus antecessores, como Charles Mungoshi, em *Waiting for the Rain* (Esperando pela chuva, 1975), Stanlake Samkange, com o seu *The Mourned*



One (O lamentado, 1975) e Tsitsi Dangarembga, em *Nervous Conditions* (Condições nervosas, 1988) que escreveram em um período pré-independência, durante as lutas de liberdade ou sobre esse período. Chenjerai Hove optou por narrativas que não ocorreram nas *Tribal Trust Lands* ou nas *Reservas Nativas*, que aparecem nos romances de seus conterrâneos, nos quais percebemos a constituição de um ambiente próprio para o debate sobre o valor da terra em suas dimensões materiais, políticas e simbólicas no que tange o processo de desenvolvimento do Zimbábue como nação.

O romance *Bones* é certamente o que mais suscitou análises críticas e resenhas em revistas especializadas. Possuindo forte cunho político, *Bones* ataca a questão da terra e do trabalho forçado nas grandes fazendas de *cash-crops* (cultivo comercial)³ dos colonos brancos. Situado no espaço de tempo após a promulgação do LAA 1930⁴ e suas consequências, Hove narra, nesse romance, a história de Marita, uma camponesa pobre e analfabeta, mãe de um único e desaparecido filho. Sua história será a busca por mecanismos que permitiriam encontrar “a única semente germinada em seu útero”. O garoto fugira da escola para se juntar aos *freedom-fighters* (soldados da liberdade)⁵ da guerra de libertação e desaparecera, deixando somente uma carta de amor para Janifa, personagem central da narrativa, que terá seu destino trágico associado diretamente ao de Marita.

Janifa será a narradora mais recorrente do romance, dirigindo-se à memória de Marita morta, que monologa em seu pensamento com o fantasma de sua amiga, fazendo do romance um diálogo interior entre as duas personagens. Narrado quase em sua totalidade na segunda pessoa, o nome usado como título do livro, *Bones*, é uma referência direta à personagem histórica Nehanda Charwe Nyakasikana (ou apenas Charwe Nyakasikana; outras fontes indicam seu nome como Mbuya Nehanda), uma guerreira e líder religiosa que, antes de ser enforcada, ao fim do levante de 1896, gritou as palavras proféticas, “meus ossos se erguerão outra vez”⁶, que, quase um século depois, dariam o título ao romance. Não por outra razão, *Bones*, possui um capítulo

³ Cultivo comercial; plantações não para consumo, mas para venda.

⁴ *The Land Apportionment Act of 1930*, Ato de Distribuição da Terra, (LAA 1930), por meio dessa lei a terra foi dividida em grupos raciais.

⁵ Jovens que fugiam para Moçambique em busca de treinamento militar para lutarem pela independência de seu país.

⁶ “my bones will rise again.” Essa personagem histórica é também aquela central e que dá título ao primeiro romance de Yvonne Vera, *Nehanda*, de 1993, portanto, publicado cinco anos depois do romance de Hove.



intitulado *The Sprints Speak*⁷, quando a voz de Nehanda se junta às vozes dos narradores para contarem a história de Marita.

Alguns momentos históricos formadores foram decisivos para a constituição do Zimbábue como um país. A empreitada começou em 1889, quando Rhodes obteve da coroa Britânica a criação da BSAC⁸, com o objetivo de colonizar e explorar o território, principalmente em busca de diamante e seu ouro. No mesmo ano, a coroa enviou soldados para a consolidação do território. Assim, no espaço de quatro anos, foram construídos fortes como o Victoria e o Salisbury, e os ingleses impuseram com força a sua autoridade sobre os principais povos que ali habitavam, rivais há séculos: os *shona*, do meio para o norte do país e etnia predominante, e *ndenbele*, ao sul do país, com a cidade de Bulawayo como sua capital), dominando suas terras. Rhodes teve a cumplicidade do rei *ndebele* Lobengula, com quem entrou em acordo para invadir as terras do povo *shona*, a *Mashona*. O principal objetivo dos brancos colonizadores, para se assentarem na *mashonaland* (terra dos *shona*), era a existência de ouro. Foi nessa região que, em 1890, a cidade de Salisbury, hoje Harare e capital do Zimbábue, foi fundada.

Frustrando os interesses dos colonizadores em busca de enriquecimento fácil, devido à suposta abundância de ouro na região, logo eles perceberiam que as jazidas já haviam sido exauridas há muito tempo. Os colonos então passaram a desenvolver pequenas fazendas, roubando as terras tanto da etnia *ndebele* quanto da etnia *shona*. A CIAS forçou a maioria da população africana a migrar para regiões de terras pobres, infestadas de moscas tsé-tsé, muito menos desejadas, que passaram a ser chamadas de *Native Reserves* (Reservas Nativas; doravante referido por NR) e depois de *Tribal Trust Land*,⁹ nas quais, devido à pobreza do solo, eles só poderiam cultivar uma pequena quantidade de grãos, quase somente milho.

A economia colonial foi estabelecida com base na conquista e sujeição dos povos nativos, tendo como característica fundamental a desapropriação e domínio de suas terras. Em 1889, o chamado *The Lippert Concession Act* (Ato de Concessão de Lippert)

⁷ Os espíritos falam.

⁸ BSAC – *British South Africa Colony* – Colônia Inglesa da África do Sul, doravante CIAS.

⁹ Terra Tribal Distribuída; essa tradução é aproximativa, pois a expressão trata de terras disponibilizadas aos nativos que, no entanto, não eram completamente proprietários delas, daí a denominação “trust”, isto é, ‘dadas em confiança temporária’; doravante referido como TTL ou Terra Tribal.



permitia que colonos (em busca de lucro fácil) adquirissem direito sobre as terras expropriadas dos negros nativos. Em 1893, quase 26,000 km² já haviam sido ocupados por voluntários, soldados e por europeus tentando fazer fortuna nas colônias. Além do roubo das terras e confisco do gado dos povos nativos, *ndebele* e *shona*, os colonos forçaram os antigos donos a trabalharem em regime de escravidão nas terras herdadas de seus ancestrais.

Durante a década de 1930, uma nova lei foi promulgada pela BSAC, o chamado *The Land Apportionment Act of 1930* (Ato de Distribuição da Terra de 1930, doravante referido como LAA 1930), por causa da qual, a colônia seria dividida em regiões separadas racialmente, relegando-se aos habitantes nativos e donos originais das terras *shona* e *ndebele* – à época, mais de um milhão de pessoas –, na antiga Rodésia, menos de 30% de seu próprio território, enquanto a população de colonos brancos, pouco mais que cinco mil pessoas, contava com mais de 51% das melhores terras do país. O LAA 1930 será considerado o ato mais pernicioso imposto pela metrópole, pois, criará problemas que ainda hoje, na história contemporânea do Zimbábue pós-independência, são consequência de sua promulgação.

As versões autóctones sobre esses fatos históricos, bem como a de uma história de recuperação ancestral ignorada pelos exploradores, estão presentes nos romances de Chenjerai Hove, objeto de nosso artigo.

O CORPO EM *BONES*

O que se apresenta agora é a análise do Corpo no romance *Bones*, em sua relação com a Terra e a Memória através do estudo das profundas relações que os habitantes da etnia Shona estabeleciam com seus ancestrais, sua busca da liberdade e suas lutas pela independência, desde a primeira *Chimurenga*¹⁰, na última década do século XIX, e a

¹⁰ Guerra de libertação; de acordo com a professora nigeriana Dra. Ifeynwa Ogbazi (2012, p. 7), *chimurenga* é a palavra da língua *shona* para “luta”, em inglês *struggle*. Historicamente, foi a segunda guerra do povo Metabele (a outra etnia é *shona*), do sul do Zimbábue, contra os líderes da *South African Company*, mas reconhecida como a primeira *chimurenga*, tendo acontecido de março de 1896 a outubro de 1897. Além dessa obra e a da professora, historiadora e crítica literária alemã Flora Veit-Wild, citada no próximo parágrafo, inúmeros foram os livros utilizados para as informações obtidas durante a realização de pesquisas relacionadas a este artigo. Ainda, são minhas todas as traduções que aparecem neste artigo, quando não diferentemente indicado.



segunda *Chimurenga*, entre as décadas de 60 e 80, no século XX, quando finalmente, em 18 de abril 1980, conquistaram a Independência do Zimbábue. Também serão estudadas as representações das profundas modificações na organização social dos autóctones, como a desestabilização das relações ancestrais dos homens com a terra, a importância da memória para a manutenção dos sistemas sociais pré-capitalistas e sua evolução, até o sistema capitalista atual, assim como os transtornos provocados pela valorização da cultura inglesa colonizadora, em detrimento da cultura autóctone ou nativa, o que resulta na perda de tradições culturais e religiosas locais negras, levando à necessidade de se reconquistá-las ou recriá-las, atualizando-as.

Como nos é apresentado em *Teachers, Preachers, Non-Belivers – A Social History of Zimbabwean Literature* (1992), de Flora Veit-Wild, assim como em *História geral da África – séculos XIX –XX* (2010), em 1859, através da *The London Missionary Society*, Robert Moffat e de seu filho John, que a chefiavam, estabeleceram uma missão em Inyati, com o apoio do líder *ndebele* Mzilikaszi. Foi justamente esta missão que abriu caminho para a dominação daquelas terras por Cecil John Rhodes, um empresário e político inglês muito interessado nas novas descobertas de ouro e diamante naquela região e que posteriormente teve seu nome utilizado para batizar aquela nova colônia de Rodésia do Sul ou terra de Rhodes.

A problemática do corpo, que se discutirá aqui, é um problema narrativo, abstrato e construído pela linguagem. Os corpos dos personagens do romance *Bones* de Chenjeirai Hove carregam as cicatrizes causadas pelo tempo e pela história, histórias que vivenciam individualmente em suas dores únicas e, ao se irmanarem uns com os outros em suas misérias, exibem ao leitor as cicatrizes coletivas que a carne carrega como a memória de outros tempos que não devem ser esquecidos. Porém, as cicatrizes que mais profundamente marcaram a história daqueles personagens não estão na superfície do corpo, pelo contrário, é no lado de dentro do ser que elas guardam o seu registro de brutalidade.

As propriedades místicas da terra são asseguradas pelos corpos dos ancestrais enterrados lá, permitindo que os personagens estejam unidos à terra de seus antepassados, coexistindo com eles no ciclo de vida e morte, pelo qual o corpo deve passar, até se unir novamente a Pasí, o mundo de baixo, a casa dos ancestrais. Ao nascer, o cordão umbilical que unia o filho à mãe é enterrado no chão e, de maneira



simbólica, a terra assume o papel da mãe, e essa nova gestação termina com o nascimento para a vida espiritual.

Assim posto, o Corpo e a Terra se unem um ao outro em um nó de muitas pontas, através da memória, pois é através dela que o corpo perceberá na terra o elo contínuo que o prende ao chão de seu nascimento, assim como garantirá que a terra onde jaz o seu cordão umbilical seja reconhecida como sua casa e sua origem. É através dessa memória que os personagens se reconhecem como pertencentes ao mesmo grupo; é da terra onde estão os mortos, os ancestrais, que emana a vida em sua totalidade, a cultura, a língua, as técnicas de cultivo, os provérbios, todo o sistema de comportamento e moralidade; a terra, *Pasí*, é reconhecida pelos personagens *shona* como a origem e o fim.

A terra, na sua representação física e metafísica, contrapõe-se ao corpo, pois ela possui uma duração¹¹ muito maior que a do corpo, que é passageiro, frágil e mortal. Não se pode garantir a permanência da tradição em algo que possua natureza transitória e passageira como o corpo. Os ancestrais ditam as ordens que devem ser seguidas pelos vivos; porém, a voz que os ensina a serem como são, é um eco originado de tempos imemoriais, que reverbera por todo o corpo, por todos os corpos, e se utiliza deles para continuar ecoando, é a terra, portanto, que os une ao universo místico dos ancestrais.

O corpo, a terra e a memória cumprem papéis distintos na unidade que estabelecem entre si: o corpo é o veículo, portanto, sua natureza é transitória e sua existência temporal; a terra em sua extensão não reflete sobre si mesma, mas garante que o corpo reconheça nela sua continuidade; o corpo pertence à terra e, para que a ligação do corpo à terra se complete, é necessário o laço imaterial concebido na forma do ancestral, o espírito da terra que carrega toda a cultura do povo.

O romance *Bones*, como referido anteriormente, narra a história da personagem Marita, uma camponesa pobre e analfabeta que parte para a cidade em busca de seu único filho, que fugira da escola para se juntar aos *freedom-fighters* (soldados da liberdade, jovens que fugiam para Moçambique em busca de treinamento militar para a luta pela independência do Zimbábue); Marita nunca retornaria dessa viagem. Outras duas personagens possuem seus destinos associados à tragédia de Marita, Janifa, uma

¹¹ Os ancestrais, a partir de seus ossos na terra, podem levar os vivos a se recordarem do passado, a reviverem esse passado, a recuperá-lo outra vez, através da experiência mística.



jovem que havia sido o primeiro amor do filho de Marita e que possuía uma única carta de amor escrita por ele; e *the unknown woman* (a mulher desconhecida) que conhece Marita no ônibus para a cidade e que, ao se enternecer pela sua história de vida, acaba por se sacrificar para que o corpo de Marita fosse apropriadamente enterrado.

Ao mesmo tempo em que as mulheres são vítimas do orgulho e da arrogância masculina, são apresentadas como portadoras das mais altas virtudes. Os homens por sua vez, são vítimas do poder e das contingências. O marido de Marita se envergonha do temperamento intempestivo e rebelde de sua mulher, pois teme ser ridicularizado pelos moradores do vilarejo; Chisaga, o cozinheiro de *Baas* Manyepo (*baas* é a grafia fonológica da pronúncia da palavra inglesa *boss*, chefe), estupra Janifa por não conseguir que Marita saciasse seus desejos. Ambos, mulheres e homens, são vítimas da exploração, desprezo e crueldade do fazendeiro branco, da truculência dos soldados da Rodésia e da frieza burocrática dos oficiais negros do governo.

Flora Veit-Wild, em seu *Teachers, Preachers Non-Believers* (1992), ao analisar a estrutura narrativa do romance *Bones*, apresenta uma observação precisa sobre a estratégia escolhida pelo autor para dar voz a suas personagens:

Para dar voz aos que não a possuem, Hove escolheu a estrutura narrativa que combina aspectos da arte tradicional com as formas da literatura moderna. Cada capítulo é contado do ponto de vista de um personagem. A protagonista Marita só se mostra através da memória daquelas que a conheceram. Janifa, como principal reminescente de Marita, aparece com maior frequência. O monólogo interior de cada personagem, cada voz, é vívido por que se move de forma suave entre o passado e o futuro e muda mediante o uso frequente da narrativa em segunda pessoa no discurso imediato (na memória deles Marita é contada diretamente) para relatos de incidentes particulares recolhidos nos diálogos diretos.¹² (Veit-Wild, 1992, p. 315)

Veit-Wild dirá que a estrutura permite ao autor alcançar dois objetivos, ele evita “a onisciência autoral do narrador”¹³ e “deixa as pessoas, com suas variadas vozes

¹² To give voice to the voiceless, Hove has chosen a narrative structure which combines aspects of traditional art with modern literary forms. Each chapter is told from the viewpoint of one character. The protagonist Marita appears only through the memory of those who knew her. Janifa, as the main recorder of Marita's memory, appears most frequently. The interior monologue of each character, each voice, is lively because it moves smoothly back and forth in time and changes from the frequent use of second-person narration in immediate speech (Marita is directly addressed in their memory) to accounts of particular incidents recollected in direct dialogue.

¹³ an omniscient authorial narrator.



falarem por si próprias”¹⁴. Dessa maneira Hove mescla a maleabilidade da narrativa oral com o estilo moderno de narrativa fragmentária, utilizando recursos de *flashback* ou analepse, dando ao tempo da narrativa o aspecto de memória involuntária e coletiva; escapando da linearidade, Hove cria um labirinto de pequenos testemunhos que reconstroem a narrativa como um todo.

Em *Bones*, há três personagens femininas fundamentais Marita, Janifa e *the unknown woman*. O estudo da violência contra a mulher e de sua posição é recorrente nos estudos literários pós-coloniais, obras como *The Unspeakable Limits of Rape: Colonial Violence and Counter-Insurgency* (1991), de Jenny Sharpe, e *Woman Skin Deep: Feminism and the Postcolonial Condition* (1992), de Sara Suleri, entre muitos outros trabalhos de críticos que refletem sobre as transformações vividas pelas mulheres que enfrentaram a violência ancestral de sua própria cultura somada à violência imposta pelos europeus durante o período colonial.

A opressão vem da força prepotente daqueles que possuem o poder, é sentida no corpo pela humilhação e pelo desprezo, e mais além, a opressão é sentida pelo corpo no desejo de possuir aquilo que é impossível. O negro vê o branco, mas não é visto por ele. Não há nada do negro que seja desejado pelo branco, além daquilo que já foi usurpado, porém, o negro percebe a riqueza que ele ostenta e a deseja. Frantz Fanon, em seu *The Wretched of the Earth* (2004), no artigo “On Violence”, discorre sobre as múltiplas faces da violência colonial:

O setor dos colonos é construído para durar, todo em ferro e pedra. É um setor de luzes e ruas pavimentadas, onde as latas de lixo constantemente transbordam com lixo estranho e maravilhoso, sobras inimagináveis. Os pés dos colonos não podem nunca ser vistos, exceto talvez no mar, mas nesse caso você nunca pode chegar perto o suficiente. Os pés são protegidos por sapatos fortes em um setor em que as ruas são limpas e macias, sem um buraco, sem uma pedra. O setor dos colonos é satisfeito, preguiçoso, com sua barriga sempre cheia de coisas boas. Os colonos vivem num setor de pessoas brancas, de pessoas estrangeiras. O setor dos colonizados, ou pelo menos, das quadras nativas, ou cidade das cabanas, os Medina, a reserva, é um lugar de desonra habitado por pessoas desonradas. Se nasce em qualquer lugar, de qualquer forma. Morre-se em qualquer lugar, de qualquer coisa. É um mundo sem espaço, as pessoas são empilhadas, os barracos espremidos um próximo ao outro. O barraco dos colonizados é um setor que sente fome, sente fome de pão, carne, sapatos,

¹⁴ lets the people, the various voices, speak for themselves.



carvão e luz. O setor colonizado é um setor agachado e acovardado, é um setor de joelhos.¹⁵ (Fanon, 2004, p. 4)

O corpo do colonizador é diferente do corpo do colonizado, a diferença não só é vista na cor da pele, ela extrapola os limites do corpo e se manifesta na estrutura social criada pelo colonizador; ao branco, o direito, a ordem, os sapatos, as ruas pavimentadas, o saneamento, a educação; esses são elementos distintivos da classe dominante em relação à classe dominada. O corpo colonizado deve se sentir inferior para ser inferior, essa é a estratégia para o domínio dos povos da partilha da África de 1885.

Marita está morta, é sabido desde o primeiro capítulo do romance, mas sua morte ocorre em circunstâncias desconhecidas para o leitor, o que não impede que se façam inferências sobre os motivos de sua execução. Mãe de um filho rebelde, ela conheceu a truculência das instituições que mantêm o *establishment*; os policiais negros buscando informações sobre o seu filho a interrogam sobre o seu paradeiro, as consequências da investigação são visíveis no seu corpo:

Marita, como eles te trouxeram de volta rasgada como um pedaço de pano. Como eles te trouxeram de volta sangrando pelas orelhas. É difícil matar um ser humano. Marita eu vi com meus próprios olhos. Se você fosse uma cabra ou um cão, você estaria morta tão cedo quanto eles te jogaram nua no solo lamacento cheirando a minhocas e estrume. Solo úmido que cheira a folhas e raízes podres. Você se deita lá como se tivesse sido apunhalada numa festa de cerveja. Você se lembra como Rukato morreu no acampamento? Quando eu te vi lá deitada no chão, eu achei que você morreria como Rukato. Você respirava, mas o seu respirar saía da terra imunda que havia sido colocada em sua boca. Eles haviam queimado a maior parte do seu corpo, mesmo em lugares que não se pode dizer. Eles fizeram coisas com você das quais você não quis sobreviver. Coisas horríveis, Marita. Você não disse que alguns deles tentaram fazer você de suas esposas? Mas que você só via escuridão quando aconteceu, então você não sabe exatamente o que aconteceu. Eles te deixaram nua todo o tempo, traziam até garotos das vilas para ver o que quisessem. Então colocaram várias coisas pelo

¹⁵ The colonist's sector is a sector built to last, all stone and steel. It's a sector of lights and paved roads, where the trash cans constantly overflow with strange and wonderful garbage, undreamed-of leftovers. The colonist's feet can never be glimpsed, except perhaps in the sea, but then you can never get close enough. They are protected by solid shoes a sector where the streets are clean and smooth, without a pothole, without a stone. The colonist's sector is a sated, sluggish sector, its belly permanently full of good things. The colonist's is a white folks sector, a sector of foreigners.

The colonized's sector, or at least, the native quarters, or at shanty town, the Medina, the reservation, is disreputable place inhabited by disreputable people. You are born anywhere, any- how. You die anywhere, from anything. It's a world with no space, people are piled one on top of the other, the shacks squeezed tightly together. The colonized's sector is a famished sector, hungry for bread, meat, shoes, coal, and light. The colonized's sector is a sector that crouches and cowers, a sector on its knees...



lugar em que seus filhos saem. Coisas que te fizeram fraca por vários dias. Você não podia nem mesmo andar para detrás do formigueiro para se ajudar quando chegava a hora. Você só sentou lá e disse que queria se proteger. Estava tudo bem comigo, eu não me importava. Mas alguns trabalhadores que não gostavam de você porque você trabalhava muito, falavam mal de você todo o tempo. Eles disseram que você era cheia de histórias estúpidas sobre seu filho que estava vindo matar os chefes um dia. Eles disseram que você não escutava ou o temia.¹⁶ (Hove, 1997, p. 60)

Todavia, antes que seu corpo se perca no caminho para a casa dos ancestrais, uma última voz se erguerá em sua defesa, a voz desconhecida provém de uma mulher desconhecida (*the unknown woman*). Diante de um oficial negro que se nega a entregar o corpo, a senhora que alega conhecer Marita, exige que o corpo seja enterrado na terra que deu origem ao corpo daquela mulher, devolvendo-o para seus ancestrais, para que o ciclo de vida e morte imposto pela vida a todos que possuem um corpo, seja concluído conforme seus modos ancestrais. A mulher desconhecida impotente diante da truculência dos oficiais do governo terá seu destino selado pela violência; ambas desaparecerão em covas para indigentes, para onde vão aqueles que não possuem nomes.

A religião dos personagens dos romances em estudo é a mesma, o chamado culto ao deus Mwari, religião do povo Shona, que é também conhecido como culto aos ancestrais. De acordo com Oyekan Owomoyela, em seu *Culture and Customs of Zimbabwe* (2002), os que seguem a crença no deus Mwari, são monoteístas; as pessoas acreditam em um Ser Supremo que, como nas religiões cristãs, criou e sustenta o

¹⁶ Marita, how they brought you back torn like a piece of cloth. How they brought you back bleeding through the ears. It is difficult to kill a human being, Marita. I saw it with my own eyes. If you had been a goat or a dog, you would have been dead by the time they threw you naked on the muddy soil smelling of worms and cowdung. Watery soil that smelt of rotten roots and leaves. You lay there like on stabbed at the beer party fight. Do you remember how Rukato died at the compound? When I saw you there on the ground, I felt you were going to die like Rukato. You breathed, but the breath came out through frothy soil that had been pushed into your mouth. They had burnt you with burning things all over the body, even the places that cannot be mentioned. They had done things to which they do not want to come back. Bad things, Marita. Did you not say some of them must have tried to make you their wife? But you said you were only seeing darkness when that happened, so you were not sure that it actually happened. They kept you naked all the time, bringing even bill age boys to come and see all they wanted to see. Then they put a lot of hard things through where you say children come from. Hard things with made you weak for many days. You could not even walk to behind the ant-hill to help yourself when the time came. You just sat there and told me you wanted to help yourself. It was all right with me, I did not mind. But some workers who did not like you because of your hard work mocked all the time. They said you were full of stupid stories about your child who was coming to kill the baas boy one day. They said that was why you did not listen or fear him.



universo. Eles o chamam de Mwari (literalmente, Aquele que é). Existe uma tradição, entretanto, que não o considera como a eterna causa sem causa, mas como se ele tivesse criado ele mesmo, a primeira pessoa criada em Guruuswa, que, de acordo com as crenças Shona, foi o primeiro lugar habitado. Como um espírito sem corpo cuja voz vem do céu, ele lidera os ancestrais dos Shona desde as terras de Guruuswa até os tempos modernos. Mwari, desta maneira, é um ancestral que surge próximo ao instante da criação, mas não é o criador. Sua existência é mantida através de sua voz, as pessoas se referem a ele como *Soko*, que significa voz ou palavra, é aquele que se faz ouvir no trovão, e cuja benção é recebida muitas vezes em forma de chuva.

Sobre o significado da terra e da relação que os Shona estabelecem com ela, Owomoyela dirá que a casa dos ancestrais é *Pasí* (o chão, ou mundo de baixo). Os ancestrais que habitam *Pasí* são aqueles de que as gerações vivas ainda se lembram, e que continuam a serem invocados e consultados. A importância da terra deriva do enterro dos ancestrais e da passagem da terra para a geração do presente. A ligação das pessoas com a terra, e conseqüentemente com seus ancestrais, é encontrada na forma de expressão *filho da terra*, que se refere a uma pessoa que vive em terras ancestrais.

A terra em *Bones* é central para a compreensão dos movimentos anti e pós-coloniais na literatura de Chenjerai Hove, pois a desapropriação da terra e o deslocamento dos personagens para regiões inférteis do país, seguida da instauração de grandes fazendas de mão de obra semi-escravizada que viriam a ser abastecidas pela fuga dos personagens da fome devido à pobreza dos novos solos, compõem o pano de fundo histórico da narrativa de Hove.

Portanto, é no deslocamento forçado dos habitantes das terras férteis da antiga Rodésia do Sul para outras economicamente desinteressantes para os colonizadores que se encontra a origem da alienação e conseqüente perda da identidade dos personagens negros do romance *Bones*, da mesma maneira que gerações de zimbabuenses enfrentaram histórias de expropriação, como relatado pela jornalista e escritora, no artigo, *Land Central to Black Identity in Zimbabwe* (2012), Sarudzayi Chifamba:

A Terra é essencial para identidade e vivência dos Africanos negros no Zimbábue. Nós somos filhos e filhas do solo. O solo é terra. A terra foi essencial para nossa existência. Por causa da terra, nós fomos vítimas de humilhação racial. Nossos pais, que se renderam, destituídos de suas terras de seus antepassados, viram seus filhos com fome sucumbirem não por serem



preguiçosos para prover, mas por que eles foram confinados a áreas inabitáveis e compatíveis apenas com animais selvagens. Por causa da terra nossas mães e pais, irmãos e irmãs, não puderam andar no solo de certas partes do país e cidades a menos que possuíssem passes. Senhores e senhoras, nós não somos autorizados a andar nos pavimentos da Rua Primeira em Harare.¹⁷

Em *Bones*, os personagens cultuam seus ancestrais como uma forma de se reconhecerem como membros de um mesmo grupo, ou de um grupo familiar estendido; os ancestrais são responsáveis por manterem a unidade do povo e da cultura. Pois, é deles que emana tudo o que compõe suas vidas; a maneira como se prepara o solo, a arte de fazer cerveja, a forma de se invocar a chuva, a estrutura social, a corte e o casamento, ou seja, toda a memória coletiva que constitui a base da existência do povo é garantida através dos ancestrais e da manutenção da tradição.

Certamente, os ancestrais cumprem com o papel do referencial fixo em uma sociedade fortemente atada à tradição. Os ancestrais são o elo que une o corpo à terra, são eles que legitimam os comportamentos grupais e que garantem a ideia de identidade que surge das interações dos corpos com a terra. Por estarem no centro da cultura e se manifestarem como uma memória coletiva que de tudo se lembra e para onde tudo escorre para ser lembrado, os ancestrais se tornam onipresentes, se fundindo à natureza e à linguagem.

A transcendência dos ancestrais repousa na sua existência atemporal e incorpórea. Atravessando o tempo, eles são a permanência sólida do intangível, que sobrevive das lembranças e das vozes dos que os invocam. Eles se misturam aos nomes das coisas, das plantas e dos animais; se misturam à água da chuva e ao canto dos homens, daí sua transcendência, pois se manifestam na realidade cotidiana, física e terrena dos homens que os cultuam. Foram os ancestrais que os instruíram sobre os grãos que devem ser

¹⁷ Land is central to the livelihoods and identity of Black Africans in Zimbabwe. We are sons and daughters of the soil. The soil is land. The land was central to our war of liberation, which stretched nearly a century (from 1890 to 1980). It is also central to our existence. Because of land, we were subjected to racial humiliation. Our parents, who were rendered destitute in the land of their forefathers, watched their hungry children succumb to starvation not because they were lazy to provide for them, but they were confined to inhabitable areas suitable only for wild beasts. Because of land, our mothers and fathers, brothers and sisters, were not allowed to walk on the soil in certain parts of the country and cities unless they possessed passes. Ladies and gentlemen, we were not allowed to walk on the pavements of First Street in Harare. (CHIFAMBA, 2012 <http://www.africalegalbrief.com/index.php/component/content/article/536-qland-central-to-black-identity-in-zimbabweq-chifamba.html>. Acessado em: 08/09/2012)



produzidos, sobre a época do plantio e da colheita, é deles que emanam o conhecimento e a técnica.

A memória que constitui a cultura do grupo é transmitida oralmente, em forma de ritos, canções, mitos, folclore e habilidades práticas (*craftwork*). Ou seja, o ancestral é mantido vivo por meio das tradições que devem ser seguidas sem alterações, haja vista que os que se mantêm da memória, temem, sobretudo, o esquecimento. Assim, geração após geração cultuará os mesmos ancestrais da mesma forma, até o instante em que este frágil enlace se quebre, e outros deuses com outros cultos exijam a devida atenção.

Diferentemente, do culto judaico-cristão no qual a divindade habita um ambiente metafísico e inalcançável, o céu; os que seguem o culto ao deus *Mwari*, acreditam que a terra é a casa dos deuses, *Pasi*. Portanto, o vínculo dos homens com a terra é profundamente arraigado nos seus costumes e crenças. Neste cenário, homens e ancestrais dividem o mesmo mundo, se comunicando por códigos que permitem que a natureza fale pela voz dos mortos, a voz venerável dos antigos pais. A família é constituída pelos que estão presentes e pelos que já não fazem parte fisicamente do grupo, mas, que ainda permanecem na memória dos vivos; os corpos são os veículos passageiros da estrutura social ancestral que deve permanecer. De acordo com Kofi Asare Opoku:

A concepção geral do homem era que o ser humano compõe-se de substância material e de substância imaterial. A parte imaterial (a alma) sobrevive à morte e a parte material (o corpo) se desintegra. A morte, portanto, não significa o fim da vida: é antes a continuidade e a extensão da vida. Os mortos permanecem membros da sociedade e se acredita que exista, ao lado da comunidade dos vivos, uma comunidade dos mortos. Entre ambas ocorre uma relação simbiótica. A sociedade humana, portanto, é uma família unida, composta pelos mortos, pelos vivos e por aqueles que ainda não nasceram. (Opoku, 2008 p. 597)

Embora, *Bones* não tenha a religião como um tema central, ela é um componente importante, devido, certamente, à forte relação que o africano possuía com a sua religião até a colonização. E, depois como forma de resistência em um contexto social em que a religião imposta se insere, obrigatoriamente, em quase todos os comportamentos sociais. O culto aos ancestrais era ao mesmo tempo objetivo dos missionários, e uma forma de resistência pelos colonizados. Os colonizadores estavam certos ao perceberem que a quebra dos vínculos que prendiam os homens à sua terra facilitaria o controle dos



povos, pois, ao catequizarem os africanos, o terreno ficaria aberto para as outras formas de domínio, como explicitado em *A religião na África durante a época colonial*:

A imposição do domínio colonial na África, a partir de 1885, conduziu à difusão da influência europeia até o âmago do continente, enquanto antes ela se concentrava ao longo da costa. Toda a intervenção europeia, durante o período colonial, fundamentava-se no postulado de que, para implantar o progresso, era preciso transformar ou mesmo destruir por completo a cultura africana. E, como a cultura africana estava intimamente ligada à religião, é fácil perceber que a política colonial europeia podia chocar-se violentamente com princípios da religião tradicional, que constituíam as próprias bases da sociedade africana. Desde o início, a religião tradicional viu-se submetida ao desafio da sobrevivência e da necessidade de se fortalecer. (Opoku, 2008, p. 597)

Mas de todos os personagens que se levantam contra todas as formas de opressão, definitivamente, Marita é o símbolo da resistência, e seu discurso contra a imposição da religião cristã está totalmente em consonância com o foco de resistência que os seguidores do deus Mwari impingiram aos seus opressores:

‘Marita, você deve se juntar aqueles que adoram a nova luz de deus. Você se sairá bem’
‘Por que?’
‘Porque você é boa com as palavras.’
‘Você quer que eu me junte com aqueles homens loucos que nunca param de falar até que alguém coloque uma moeda nos seus vasilhames? Minha mãe sempre me ensinou a comer do meu próprio suor, não mendigar como eles fazem.’
‘E se seu filho for um daqueles que falam com deus e que os poderes movem montanhas de um lugar para o outro’
‘Não encha sua cabeça com bobagens. Se deus é tão bom e poderoso, por que ele deixa as crianças do vilarejo morrerem todos os dias enquanto as crianças de Manyepo nunca saberão o que é fome ou doença? Qual crime aqueles pequenos cometeram?’
‘Os crimes de seus pais, dizem os adoradores.’
‘Me mostre um daqueles que os pais não cometeu um pecado.’
‘Marita, essas coisas te atormentarão por um longo tempo. É por isso que você se recusa a ser lavada pela água santa para que você possa ter mais filhos?’
‘Lavar minha barriga com água para que eu tenha criança, isso é suficiente para fazer as galinhas rirem alto.’¹⁸ (Hove, 1988, p. 44)

¹⁸ ‘Marita you must join those who preach the new light of god. You will do well.’

‘Why?’

‘Because you are good with words.’

‘You want me to join those mad ones who never end their talking until someone drops a coin in their bowl? My mother always told me to eat of my own sweat, not to beg like that.’



Assim, a religião se torna, aliada à escola, um fortíssimo instrumento de dominação e aculturação, impondo uma realidade completamente abstrata e baseada na crença em um deus vingativo, que exige o amor incondicional de seus fiéis, enquanto os ameaça com uma punição eterna caso suas regras não sejam obedecidas; por outro lado, a religião dos povos colonizados, neste caso o culto ao deus Mwari, representou um dos pontos mais resistentes à colonização:

Os africanos empregavam a religião como arma para resistir ao domínio colonial e à ameaça que ele representava para seus valores. Muitas vezes, recorriam à magia, à intervenção dos antepassados e de seus deuses para combater a opressão colonial. Durante as duas primeiras décadas do século XX, os guerreiros Igbo do sudeste da Nigéria empregaram esses meios para se defender contra os invasores estrangeiros. Podem ser citados como exemplos os Esza, do grupo Abakaliki, os Uzuakoli e os Aro 6. Alguns cultos constituíam claramente focos de resistência à dominação colonial, como o Mwari, na Rodésia do Sul (atual Zimbábue). (Opoku, 2008, p. 598)

A religião aparece no romance de Hove sob dois aspectos, no primeiro, o culto aos espíritos dos mortos está impregnado na cultura e na linguagem de maneira indissociável, enquanto o cristianismo é sempre visto com certo desdém pelos personagens. Todavia, no contexto da narrativa, os personagens, quase em sua totalidade, terão problemas com a escola e conseqüentemente não serão submetidos à catequese, pois a escola e a igreja se tornam continuidades uma da outra. Ngugi wa Thiong'o, no seu *The Language of African Literature*, dirá que “a noite da espada e das balas foi seguida da manhã do giz e do quadro negro” (Thiong'o, 1986, p. 436).

‘Suppose you find that your son is one of those who talk of god and the power he has to move mountains from one place to another.’

‘Do not fill your head with that rubbish. If god is so good and so full of power, why does he let the children of the compound workers die every day while Manyepo’s children will never know what hunger and disease are all about? What crime did the little ones commit? The sins of the fathers and mothers, the preachers say.’

‘Show me someone whose father or mother did not commit sin.’

‘Marita, these things will trouble you for a long time. Is that why you refused to be washed with the holy water so that you would have more children?’

‘Washing my belly with water so that I can have children, that is enough even to make the chickens laugh aloud.’



O trítico da dominação está montado: para o corpo, a cultura e a língua estrangeira; para a memória dos ancestrais, o deus cristão e a severa punição do inferno para os que não cumprissem com seus votos; finalmente, para a terra, o lucro advindo do abando das terras e de sua relação mística com ela.

No âmbito do estudo do corpo, o ponto para onde confluem todos os elementos que constituem uma cultura é a língua; as inter-relações entre o corpo, a terra e a memória são mediadas pela linguagem. Portanto, a imposição de um novo idioma, e, conseqüentemente, a imposição de uma nova cultura terá efeitos drásticos na maneira com que os povos colonizados lidarão com seus corpos, com sua terra e com sua memória:

A língua da educação escolar de uma criança africana era estrangeira. A língua dos livros que ele lia era estrangeira. A língua de sua conceituação era estrangeira. O pensamento, dele, tomou uma forma visível de uma língua estrangeira. Assim como a língua escrita de uma criança educada na escola (mesmo a língua falada na escola do vilarejo) se separou da linguagem falada em casa. Não havia nem a mínima relação entre o mundo da escrita da criança, que também é linguagem de seu quadro letivo, e o mundo de sua relação com a família e o ambiente. Para uma criança colonial, a harmonia que existe entre os três aspectos da linguagem como comunicação foi irrevocavelmente quebrada. Resultando assim na dissociação da sensibilidade da criança com seu ambiente natural e social, o que se pode chamar de alienação colonial. A alienação se reforçou nos ensinamentos de história, geografia, música na qual a burguesia europeia era sempre o centro do universo.¹⁹ (Thiong'o, 1986, p. 443)

Flora Veit-Wild, em *Teachers, Preachers, Non-Believers* (1992), quando apresenta o processo de formação da escola no Zimbábue, dirá que somente os pais que, em algum momento, tiveram contato com a civilização europeia, tentariam, com muita dificuldade fazer com que seus filhos, homens, fossem educados à maneira dos europeus; às garotas somente em casos excepcionais era garantido o direito de ir para a escola. Assim, o processo de aculturação que já havia começado em casa, ganhava força

¹⁹ The language of an African child's formal education was foreign. The language of the books he read was foreign. The language of his conceptualization was foreign. Thought, in him, took the visible form of a foreign language. So the written language of a child's upbringing in the school (even his spoken language within the school compound) became divorced from his spoken language at home. There was often not the slightest relationship between the child's written world, which was also the language of his schooling, and the world of his immediate environment in the family and the community. For a colonial child, the harmony existing between the three aspects of language as communication was irrevocably broken. This resulted in the disassociation of the sensibility of that child from his natural and social environment, what we might call colonial alienation. The alienation became reinforced in the teaching of history, geography, music, where bourgeois Europe was always the center of the universe.



extra com a escola. A escalada para se atingir o topo da escala social exigia “a adaptação para os princípios cristãos e visões de mundo europeias” (Veit-wild, 1992, p. 47).

Ngugi wa Thiong’o, em seu relato autobiográfico sobre a sua ida para a escola e sobre a importância do ensino como estratégia de dominação, apresenta ideias que se verificam conjuntura educacional do Zimbábue:

O real objetivo do colonialismo era controlar a riqueza da população: o que produziam, como produziam e como era distribuído; para controlar, em outras palavras, todo a alçada da linguagem da vida real. O Colonialismo impôs o seu controle da produção social da produção de riquezas através do uso de conquista militar subsequente a imposição ditatorial na política.

Porém a mais importante área de dominação era do universo mental do colonizado, o controle, através da cultura, de como as pessoas se percebem elas mesmas e suas relações com o mundo. Controle econômico e político nunca são completos sem controle mental. Controlar a cultura do povo é controlar as ferramentas de auto determinação na sua relação com os outros.²⁰ (Thiong’o, 1986, p. 442)

A língua no horizonte narrativo de Chenjerai Hove não é somente a organização de palavras que carregarão os sentidos de uma ideia, o poder da língua está no que extrapola o seu léxico e os seus significados. Para os personagens de Hove, a língua é uma continuação da terra, ao mesmo tempo em que traz consigo toda a memória daquele povo. A língua, até a chegada dos colonizadores, possuía um componente místico, que se reconhecia no poder sobre a natureza, no poder sobre as doenças e sobre o clima. O escritor queniano Thiong’o retrata o potencial transcendente da sua língua mãe o Gikuyu, que assim como a língua dos personagens de Hove, carrega muito mais que uma informação, mas a própria essência daquela cultura:

Nossa experimentação do poder sugestivo mágico da linguagem era reforçada pelos jogos que jogávamos, com palavras através de charadas, provérbios, transposição silábica, ou através de palavras sem sentido, mas organizadas de

²⁰ The real aim of colonialism was to control the people’s wealth: what they produced, how they produced it, and how it was distributed; to control, in other words, the entire realm of the language of real life. Colonialism imposed its control of the social production of wealth through military conquest and subsequent political dictatorship.

But its most important area of domination was the mental universe of the colonized, the control, through culture, of how people perceived themselves and their relationship to the world. Economic and political control can never be complete without mental control. To control a people’s culture is to control their tools of self-definition in relationship to others.



forma musical. Então aprendemos a música da nossa linguagem acima do conteúdo. A linguagem através de imagens e símbolos deu-nos uma visão de mundo, porém tinha beleza em si própria. A casa e o campo eram nossa escola pré-primária, porém mais importante, para essa discussão, é a discussão da língua, da nossa primeira e ampla comunidade, e a língua dos nossos trabalhos no campo era outra.²¹ (Thiong'o, 1986, p. 438)

De modo semelhante à imposição do cristianismo, que quebraria os elos entre o corpo e a memória de seus ancestrais, a imposição da língua inglesa nas escolas quebraria a harmonia da língua e seu universo de representação. As escolas exigiam que seus alunos falassem somente o inglês dentro de suas instalações, e as punições por ser pego falando em seu idioma eram, de acordo com Thiong'o, “de três a cinco chibatadas nas nádegas nuas – ou era forçado a carregar uma placa de metal ao redor do pescoço com inscrições como EU SOU ESTÚPIDO ou EU SOU BURRO...”²² (THIONG'O, p. 438). Não será diferente no Zimbábue, de Chenjerai Hove. Portanto, a europeização do africano deveria acontecer em duas bases sólidas e unidas institucionalmente, a escola e a igreja. O bom africano deveria abandonar suas crenças nos espíritos dos mortos, para cultivar um único deus, de preferência em inglês.

Veit-Wild, afirma que a adoção do cristianismo foi central para o processo de aculturação imposto pela escola, que quase em sua totalidade, era mantida por missionários. (Veit-Wild, 1992, p. 50) Os alunos que, com muita dificuldade, conseguiam passar pelo *primary school* (ensino fundamental), e ascender na sua qualificação educacional saíam do processo “washed white”²³, ou seja, o processo de imposição da língua, da cultura e da religião havia atingido seu objetivo quando os garotos saíam do ensino fundamental tendo adotado as “regras, gostos e crenças de seu professor cristão”²⁴ (Veit-Wild, 1992, p. 50).

²¹ Our appreciation of the suggestive magical power of language was reinforced by the games we played with words through riddles, proverbs, transpositions of syllables, or through nonsensical but musically arranged words. So we learnt the music of our language on top of the content. The language, through images and symbols, gave us a view of the world, but it had a beauty of its own. The home and the field were then our pre-primary school but what is important, for this discussion, is that the language of our evening teach-ins, and the language of our immediate and wider community, and the language of our work in the fields were one.

²² three to five strokes of the cane on bare buttocks – or was made to carry a metal plate around the neck with inscriptions such as I AM STUPID or I AM A DONKEY...

²³ Como se lavados pela nova cultura, abandonando seus hábitos tradicionais em detrimento dos valores importados.

²⁴ rules, tastes and beliefs of their Christian teacher.



Dessa forma, o inglês e a cultura europeia eram supervalorizados em detrimento da cultura e da língua local. Thiong'o e Veit-Wild, o primeiro, em uma experiência pessoal, enquanto a segunda em uma abordagem histórica, tratam do tema da escola do período colonial em bases equivalentes; em ambos os países, Quênia e Zimbábue, o desenvolvimento intelectual estava predominantemente associado ao aprendizado e proficiência do inglês. Logo, o domínio de todas as disciplinas escolares deveria respeitar a hierarquia na qual a língua estrangeira ocupava a posição superior, acima de todos os outros conhecimentos.

A escola colonial criou gerações de pessoas divididas, pois a língua que definiria a realidade própria daquele povo era uma língua imposta; assim, o corpo educado passa a ver seu mundo, sua terra, pela ótica de uma cultura que o considera inferior. E, dadas as contingências da aculturação, o caminho oposto que levaria ao retorno às tradições se torna inviável e impossível, pois os elementos constitutivos daquela cultura haviam sido esquecidos pelas novas gerações.

Por mais bem sucedida que a empreitada educacional nos países colonizados tenha sido, com a permanência dos idiomas importados assumindo a posição de línguas oficiais, não há como negar que ela gerou uma multidão de pessoas dissociadas da sua realidade.

Marita não poderá ir para escola, será uma camponesa analfabeta, vitimada pela busca de seu filho, um guerrilheiro que fugirá da escola para se juntar aos soldados da liberdade (*freedom-fighters*). Janifa terá seu destino também determinado pela sua ida à escola; é lá que ela receberá a carta de amor que tantas vezes Marita pediria para que ela lesse, como a última lembrança de seu filho, e, será justamente essa carta o motivo para que Janifa falhe na escola, sendo humilhada publicamente pelo professor:

‘Ele escreveu para mim na escola, e o professor me chamou de nomes quando ele a descobriu no meu outro livro’ [...] sua cadela, tudo que você tem nessa sua cabeça suja são cartas de amor e nada mais. Pegue esse lixo e jogue-o na lixeira, sua prostituta das prostitutas... Mas eu não conseguia jogar fora, meu sangue se negava a jogar. Então eu levei para fora, escondi em um lugar que só meu peito conhecia. Peguei-a quando sai da escola, corri para casa, sentindo como se tivesse ganhado algo que o professor não podia me dar. Foi a primeira carta que um garoto escreveu para mim, com suas próprias mãos, sentado escondendo de seus pais para escrever a carta para mim. Eu senti meu sangue fazer todo tipo de coisas, então vi como eu deveria esconder mesmo dele para que ele continuasse pensando que eu atirei no banheiro como o professor havia mandado. Eles



comandam, você sabe. Eles comandam mesmo meus pais para mandar isso ou aquilo, ou então seu filho ou filha estaria expulso da escola para sempre. Eles comandam.²⁵ (Hove, 1997, p. 9)

A escola aparece no romance de Hove como um instrumento de segregação. Somente através da adaptação aos modos europeus seria possível atingir os novos níveis sociais importados. A Europa precisava de uma classe média que consumisse seus produtos e sua cultura, e é justamente a escola a responsável pelo surgimento de uma nova visão da realidade, funcionando como pedra angular para a expansão do mercado e da religião ocidentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo, na e da ficção de Hove, é transitório, e daí vem sua grande importância. A durabilidade da matéria humana é relativa, ao contrário da terra e dos ancestrais, que são absolutos. A balança se equilibra da seguinte maneira: no centro está o homem, o corpo, responsável por manter vivas as tradições e por levar adiante aquilo que lhe foi legado; em um extremo da balança está a terra, o chão mesmo de onde emerge a vida e para onde toda a morte deve retornar, a terra deve ser domada e amada com a mesma intensidade; no outro extremo estão os ancestrais, em equilíbrio com a terra, pois dela eles são emissários e guardiães, aceitando os pedidos de chuva e de colheitas fartas; os ancestrais dão voz à terra, são a parcela invisível do chão onde estão todos os cordões umbilicais dos que chegam e todos os ossos dos que partiram. O homem está no centro, lidando com essas duas forças complementares, sendo influenciado de maneira igual pelo físico e pelo que está além do físico, num plano superior, sempre muito além deste na terra, coexistindo o corpo nas dimensões do espaço e do tempo e na dimensão dos espíritos.

²⁵ 'He wrote it to me at the school and the teacher called me names when He found it in my other book' ... you bitch, all you keep in your dirty mind is love letters, nothing else. Take this rubbish and throw it rubbish pit, you prostitute of prostitutes... But I could not throw it away, my blood refused. So I took it outside, hid it in a place only my breast knew. I took it when we left school, and ran home, feeling that I had won something which the teacher couldn't give to me. That was the first letter a boy ever wrote to me, with his own hands, sitting somewhere, hiding from his parents to write a letter to me. I felt my blood do all sorts of things, then saw how I should hide it even from him so that he continued to think that I had thrown it in the lavatory as the teacher commanded. They command, you know. They command even my own parents to send this or that, or else your son, your daughter, will be out of school for ever. They command.



A perenidade das existências dos ancestrais e da terra era garantida pela memória de cada um dos habitantes que conseguiam ouvir no canto de cada ave nativa uma mensagem de seus antepassados. O equilíbrio entre as partes da balança remete a uma possível idade do ouro, idílica e feliz, na qual cada parte faz parte do todo, em uma grande e harmônica unidade. Talvez, a unidade se aplique ao homem, como figura de gênero e não na sua acepção de coletividade. Para as mulheres, todavia, o sistema de códigos e condutas não passava nem próximo desse paraíso terrestre.

Em *Bones*, o conflito está no desaparecimento do filho de Marita, a história dela e de Janifa confluem para uma tragédia anunciada – Marita será assassinada e Janifa terminará louca. Por outro lado, a vida das duas será marcada pelo sofrimento devido à busca delas por justiça: Marita busca o filho; Janifa acusa Chisaga de estupro. Agregam-se aos problemas dessas duas personagens a figura da mulher desconhecida, que exige que o corpo de Marita seja entregue para que os ritos fúnebres fossem cumpridos corretamente. A sociedade em que estão inseridas não estava pronta para ouvir a voz das mulheres e, quando elas gritam, devem, precisam ser silenciadas.

Chenjerai Hove escreve em inglês, mas escreve em shona (cuja ortografia e gramática foram codificadas no começo do século XX e a estrutura fixada em 1950) também. Sua literatura olha para trás, tentando recuperar o passado histórico de seu povo, para que o perigo da perda dos conhecimentos orais através do esquecimento, o apagamento dos rastros mnésicos (Ricoeur, 2007, p. 30), impeça que todo o passado cultural distintivo de seu povo seja corroído pelo abuso da memória imposta. Hove escreve para resistir, cada uma das falas de seus personagens possui um sotaque fortíssimo, não são ingleses que estão falando, são Shonas falando inglês. Sobretudo, resistir, pois se a grande importância do corpo está na sua transitoriedade e extinção certa e esperada, é necessário que ele se cristalice em obras, para que seu legado permaneça. A literatura afasta o deus Krono e sua fome insaciável por devorar seus filhos, a literatura impede que o tempo destrua tudo.

Ou seja, as obras de Chenjerai Hove são um mecanismo de resistência para que o passado não seja corroído e, com isso, desapareça. Portanto, se a terra, antes fonte de magia e mistério ancestral, hoje está pavimentada ou serve à produção de capital, enquanto a literatura de Chenjerai Hove permanecer, haverá sempre a possibilidade de se recuperá-la, mesmo que simbolicamente, e será possível sentir seu grande poder. Se,



para os ancestrais, a morte final está no esquecimento absoluto, ou na sua substituição por um único e importado Deus, em qualquer uma das páginas dos romances de Hove será possível sentir a importância de se fazer parte de uma família que se estende indefinidamente para o eterno. E, finalmente, para todas as mulheres (e também todos os homens) que um dia se depararem com um de seus romances: está lá o registro da brutalidade masculina quando se encontram em situação de poder, principalmente se são suportados e mantidos por um sistema cultural que exige e impõe a inferioridade de gênero feminino.

REFERÊNCIAS

1. Do Autor:

HOVE, Chenjerai. *Ancestors*. London: Picador, 1996.

----. *Blind Moon*. Harare: Weaver Press, 2003.

----. *Bones*. Harare: Baobab Books, 1997.

----. *Shadows*. Harare: Baobab Books, 1988.

----. *Palaver Finish*. Harare: Weaver Press, 2002.

----. *Shebeen Tales – Messages from Harare*. Harare: Baoba Bokks, 1997.

2. Sobre o Zimbábue, a Literatura do Zimbábue e outros:

FANON, F. *Os condenados da terra*. Trad. Elnice Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

GRANHAM, J. *Land and Nationalism in Fictions from Southern Africa*. New York: Routledge, 2009.

LAN, D. *Guns & Rain – Guerrillas & Spirit Mediums in Zimbabwe*. Great Britain: James Currey, 1985.

MALABA, Mbongeni Z. e DAVIS, Geoffrey V., Editors. *Zimbabwean Transitions - Essays on Zimbabwean Literature in English, Ndebele and Shona*. Matatu – Journal for African Culture and Society. Amsterdam-New York: Rodopi, 2007.

OGBAZI, Ifyinwa. *History and the Voiceless – Yvonne Vera and Postcolonial Zimbabwe*. Saarbrücken: LAP LAMBERT Academic Publishing, 2012.

OLANIYAN, Tejumola e QUAYASON, Ato. *African Literature – An Anthology of Criticism and Theory*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2009.



OPOKU, Ofi Asare. *West African Traditional religion*, 2008, Singapore.

OWOMOYELA, Oyekan. *Culture and Customs of Zimbabwe*. Westport, CON./London: Greenwood Press, 2002.

OYEWÙMI, Oyèrónké. *African Women & Feminism – Reflecting on the Politics of Sisterhood*. Trenton/Asmara: Africa World Press, 2003.

---, Editor. *African Gender Studies – A Reader*. New York: Palgrave, 2005.

PRIMORAC, R., *The Place of Tears – The Novel and Politics in Modern Zimbabwe*. London: Tauris Academic Studies, 2006. p. 145-169

RAFTOPOULOS, B. “Problematising Nationalism in Zimbabwe: a historiographical review.” *Zambezia: Journal of the University of Zimbabwe*, 1999. p. 115-134. Disponível em: <http://digital.lib.msu.edu/projects/africanjournals/pdfs/Journal%20of%20the%20University%20of%20Zimbabwe/vol26n2/Juz026002002.pdf> Consultado em: 04/08/2010

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.

SARTRE, J. P. Prefácio à edição de 1961. In: FANON, F. *Os condenados da terra*. Trad. Elnice Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005; p. 23-48.

THIONG’O, Ngugui. *Decolonising the Mind: the Politics of Language in African Literature*, Heinemann Educational, 1986

VEIT-WILD, Flora. *Teachers, Preachers and Non-believers – A Social History of Zimbabwean Literature*. London: Hanz Zell Publishers/Harare: Baobab Books: 1992.

----. *Survey of Zimbabwean Writers – Educational and Literary Careers*. Bayreuth: Eckhard Breitinger/Bayreuth University 1992.

Recebido em outubro de 2017
Aprovado em janeiro de 2018